

A FEIRA LIVRE DO BRASIL BANDEIRIANO

Rosiane de Sousa Mariano Aguiar¹

Embora a escrita de Manuel Bandeira passasse ao largo de qualquer engajamento crítico ou princípio definidor das fortes marcas que os intelectuais da época buscavam para definir a identidade brasileira, é possível ver, tanto na sua poesia quanto na sua prosa, expressões da cultura nacional.

Dentro do cenário da rua bandeiriana, por exemplo, o leitor é convidado a adentrar na feira livre, prática representativa do Brasil em sua poética. O burburinho da feira ocupa um papel privilegiado na lírica, pois além de traduzir uma multiplicidade de vivências, de relações e de criação genuína, a exemplo dos artesãos, dos poetas e dos cantadores populares, cristaliza-se como um lugar onde são guardados os *resíduos* que permanecem no imaginário de cada brasileiro.

Basta lembrar o livro *Mafuá do malungo* (1948), que encerra bem o lirismo despojado de Bandeira, por traduzir a grande farra feita com os nomes dos camaradas e por aludir às “feiras populares de divertimentos”, conforme menciona na prosa de 1954, *Itinerário de Pasárgada*. Não só aí, mas no poema “Balõezinhos” e na prosa “Vitalino”, o escritor captou bem a diversidade de características que há na feira livre, apreendendo a essência da feira brasileira. Vamos primeiro ao poema:

Na feira-livre do arrabaldezinho
Um homem loquaz apregoa balõezinhos de cor:
– “O melhor divertimento para as crianças!”
Em redor dele há um ajuntamento de menininhos
[pobres,

¹ Doutora em Estudos da Linguagem pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Professora-pesquisadora da Universidade Aberta do Brasil.

Fitando com os olhos muito redondos os grandes
[balõezinhos muito redondos.

No entanto a feira burburinha.

Vão chegando as burguesinhas pobres,

E as crianças das burguesinhas ricas,

E as mulheres do povo, e as lavadeiras da redondeza.

Nas bancas de peixe,

Nas barraquinhas de cereais,

Junto às cestas de hortaliças

O tostão é regateado com acrimônia.

Os meninos pobres não vêem as ervilhas tenras

Os tomatinhos vermelhos,

Nem as frutas,

Nem nada.

Sente-se bem para eles ali na feira os balõezinhos de cor
são a única mercadoria útil e verdadeiramente

[indispensável.

O vendedor infatigável apregoa:

– “O melhor divertimento para as crianças!”

E em torno do homem loquaz os menininhos pobres
fazem um círculo inamovível de desejo e espanto.

(BANDEIRA, 1986, p. 91)

Além das crianças, as burguesinhas pobres e ricas, as mulheres do povo e as lavadeiras da redondeza fazem a feira. Gente de diversos lugares, funções e classes sociais se desloca em dia de feira para formar um “complexo conjunto de relações sociais [onde] surgem e se cultivam atitudes e sentimentos que extrapolam em muito os limites de uma

troca financeira” (VIEIRA, 2003, p. 118). As feiras são como um lugar de veiculação de práticas e orientações culturais, em que se processam interações e recriações de múltiplas modalidades; geralmente, acredita-se pairar certo clima de festa na feira, que se derrama sobre toda a cidade, emprestando-lhe uma função especial, tanto no vaivém, entre as bancas, quanto nos arredores, em torno da feira, nos botequins, nos bares, onde a bebida alia-se ao jogo, à prosa, à música, aos petiscos e às iguarias vendidos ali:

Assim, a feira pode ser vista como espaço fértil à difusão de costumes e valores, diluídos na culinária, no som da rabeca, na voz impostada do repentista, na veiculação de peças artesanais ou na narrativa da aventura de um vaqueiro famoso, para citar apenas algumas dentre as muitas possibilidades desse caminho. (VIEIRA, 2003, p. 119).

Bandeira partilha o que há de comum na feira brasileira, inclusive a participação de meninos pobres. Grosso modo, esses pequenos feirantes integram o cenário, prontos a fazer mandados como varrer o chão para juntar alimentos que caem das bancas, botar sentido na mercadoria durante a ausência ocasional do feirante, ajudar no carregamento e na reposição dos produtos em troca de algum trocado ou sobeja. Sulamita Vieira (2003, pp. 117-127) crê que essa prática favoreça às crianças um meio de educação para a vida, no sentido em que, por ela, costumes são reproduzidos e são recriados valores, como a honestidade. Por outro lado, tem-se o contrário, por mecanismos e por estratégias que servem para burlar o preço, a quantidade, a qualidade e o peso da mercadoria.

Mas, na feira poética do recifense, as crianças participam sendo envolvidos somente pela mercadoria lúdica, ao redor do vendedor de balões. Os demais produtos da feira resumem-se, para elas, no verso que diz “Nem nada”. O espaço social e financeiro converte-se no humano e no poético, nos quais afloram o desejo, o encanto e o sonho.

O poeta desvia o olhar para as coisas simples do cotidiano, mas merecedoras de expressão da arte. “Balõesinhos” encenam uma lição de vida e de poesia: nesse poema é possível reconhecer o lúdico a partir do olhar de desejo e de espanto que a poesia requer para si. As experiências simples do cotidiano, como as conversas nas calçadas, a trabalhadeira dos vendedores, a agitação das feiras, a dor dos meninos pobres, as brincadeiras das crianças etc., são válidas diante dos que estão imersos na cultura massificada, de maneira a torná-los alienados e inexperientes na transmissão de tais práticas. Na poesia de Bandeira, essas reminiscências são ruínas as quais ele sempre visita e onde recupera certos *resíduos* mnemônicos significativos, de modo a transformá-los em essência poética. Num contexto de guerras mundiais e de modernização, em que as relações humanas são mediadas pelo mercado, tornando a sociedade devastada de significação, um Eu visita as ruínas, a fim de recolher os *resíduos* de um mundo simples como peças essenciais ao seu arsenal poético.

Sendo costume social milenar, desde os gregos e os romanos, a feira participa da arte bandeiriana como permanência da tradição, em compensação ao desenvolvimento econômico das cidades, que não promove a experiência humana. Aqui, a feira é um *resíduo* que está no plano da arte, do conhecimento, das ideias e da linguagem. Um *resíduo* que comunica e é o lugar da cultura; só assim, o poeta é capaz de recuperar a memória das práticas de representação do homem, a partir das quais o fundamento da vida e o sentido do caminho desse homem no mundo são contados entre gerações.

O refrão, “o melhor divertimento para as crianças!” coincide com o pregão dos vendedores da feira: trata-se de um *resíduo* clássico e medieval presente no texto lírico de Bandeira, pois os pregões originaram-se nas feiras da Antiguidade e do Medievo. Essas são práticas sociais que representam um costume peninsular de experiências coletivas e que aparecem, constantemente, ao longo da história da civilização medieval e ocidental, chegando até os nossos dias. A voz do povo na escrita de Bandeira aparece em vários outros poemas, em que é possível

ver a atualização de *resíduos* da cultura popular sendo cristalizados na poesia. O refrão “Cai cai balão”, do poema “Na rua do sabão”, o dos “Meninos carvoeiros”, e os que estão mencionados em “Evocação do Recife” são outros exemplo dessa aproximação do prosaico e da vida cotidiana da nova fase poética. É possível reconhecer ecos da cultura popular, no tocante ao linguajar brasileiro, principalmente nordestino, a exemplo dos pregões dos feirantes e dos vendedores ambulantes, nesses poemas. Os pregões exprimem mais do que um reclame destinado a apregoar e a louvar as características da mercadoria; traduzem criatividade pela palavra rítmica e rimada e pelo desprendimento das normas da língua padrão, guardando relação com o jeito com que o poeta soube dar expressão à sua lírica moderna, a qual se define pela liberdade da linguagem, pela insubordinação à retórica do lugar-comum e pela opção de retirar, do cotidiano, o material poético de dados simples e férteis de manifestação humana.

O Brasil bandeiriano tem a feira como extensão daqueles que ganham o tostão com suor e com acrimônia: um jeito para expressar a *residualidade* em uma poética que preferiu identificar e descrever esses trabalhadores da rua em contraposição ao processo de automação e de robotização dos homens pela Revolução Industrial. O Brasil que aparece na literatura em pauta, flagra a feira livre como expressão de energia humana, resultante, liricamente, em criatividade, cor, graça, invenção e canto.

Outro aspecto que chama a atenção é sua localização logo na abertura de “Balõeinhos”: “Na feira-livre do arrabaldeinho”. No Brasil, as feiras são constantes nas cidades, nos subúrbios e nos sertões. Na crônica “Vitalino”, de *Flauta de papel*, Manuel Bandeira registra a feira de Caruaru², ressaltando sua dimensão frente à pequena feira de um arrabalde: “A feira semanal de Caruaru não é como estas do Rio não. É toda a rua do Comércio, quer dizer um estirão de quilômetros, tão

² É sabido que a feira de Caruaru, em 2006, foi registrada pelo IPHAN (Instituto de Patrimônio Histórico e Artístico Nacional) como parte do Patrimônio Imaterial Cultural do Brasil.

comprida quanto a mesma cidade, e onde se compra de tudo, desde o gado em pé até o que você possa imaginar, salvo, bem entendido, geladeira elétrica e automóvel Cadillac” (BANDEIRA, 1997, p. 140). De fato, uma das maiores do Brasil, localizada no interior de Pernambuco, tornou-se famosa, inclusive, com a difusão da música *A Feira de Caruaru*, de Onildo Almeida, gravada, em 1957, por Luiz Gonzaga, e divulgada em 43 países:

A feira de Caruaru
 Faz gosto a gente ver
 De tudo que há no mundo
 Nela tem pra vender
 (GONZAGA, 1996, CD 2, faixa 16)

Há, aliás, feiras que assumem feição específica, de acordo com a especialidade: feira dos bichos, feira dos hippies, feira dos artesãos, feira dos malandros (de objetos roubados), feira de carros usados, feira de pássaros, de bicicletas, de frutas, de peixes... Nas diversas barracas da “feira-livre do arrabaldezinho” Bandeira expõe peixe, cereais, hortaliças, frutas, legumes e balõezinhos de cor, “única mercadoria útil e verdadeiramente indispensável” para o poeta e para as crianças que ali estão. Decerto, para ele, também os brinquedos, especialmente os calungas de barros de Vitalino, formam mercadoria essencial na feira de Caruaru:

Boneco de Vitalino,
 Que são conhecido
 Inté no Sur,
 De tudo que há no mundo,
 Tem na Feira de Caruaru.
 (GONZAGA, 1996, CD 2, faixa 16)

“Quando Álvaro Lins e João Condé eram meninos, iam todos os sábados à feira indigestar com frutas e doces

e comprar calungas de barro. Compravam os calungas (que ainda eram os de Vitalino) não como fazem agora, para adornar o apartamento, mas para massacrá-los nos jogos símile-militares da meninice” (BANDEIRA, 1997, p. 140).

Na crônica, Bandeira embebe de brasilidade todo o registro do artesão Vitalino, cujas peças, admiradas pelos estrangeiros, representam a melhor cultura nacional, desde os bichos e os brinquedos infantis até as “cenas da terra: casamento, confissões na igreja, o soldado prendendo o ladrão de galinhas ou o bêbado, a moenda, a casa de farinha, etc.” (1997, p. 141). São aspectos da vida e da cultura do povo que partilham do exagero simbólico, pela diversidade de cenas, de cores, de mercadorias, de gente, de certa desordem e movimentação, integrantes do caráter harmônico, vivaz, atemporal e universal das feiras.

Por um lirismo prenhe de *residualidade* ante o sistema da mercância, Manuel Bandeira integra a feira livre em sua poética, de modo a dar-lhe lugar participativo, legítimo e acolhedor, como uma quebra da árdua luta que o evento tem de enfrentar nos setores burocráticos e preconceituosos da elite nacional. Deixando de fora os traços rudes, o saber vulgar, a ignorância e a sujeira, aspectos que mascaram os feirantes, Bandeira destaca, além da coragem, da melodia e da criatividade pelas mil formas inventadas para o ganho, a simplicidade do artefato. Esses demiurgos de inutilidades garantem a persistência pela busca do pão de cada dia e fazem a alegria da meninada, presentificando o sermão bíblico “Nem só de pão viverá o homem”.

Referências bibliográficas

ALMEIDA, Onildo. A feira de Caruaru. In *Luiz Gonzaga: 50 anos de chão*. São Paulo: BMG Ariola, 1996, CD 2, faixa 16.

BAKHTIN, Mikhail. *A cultura popular na Idade Média e no Renascimento: o contexto de François de Rabelais*. 6. ed. Trad. Yara Frateschi Vieira. São Paulo: Hucitec; Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2008.

BANDEIRA, Manuel. *Estrela da Vida Inteira*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1986.

_____. *Seleção de Prosa*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1997.

PONTES, Roberto. *Linhas disciplinares da Teoria da Residualidade*. Fortaleza: (mimeografado) [s/d].

_____. "Três modos de tratar a memória coletiva nacional". In *Anais do 2º Congresso da ABRALIC*. V. II. Belo Horizonte, 1991. p. 149-159.

VIEIRA, Sulamita. "O Ceará faz a feira". In CARVALHO, Gilmar de. (Org.) *Bonito pra chover: ensaios sobre a cultura cearense*. Fortaleza: Demócrito Rocha, 2003.